



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — Dr. Manuel Marques dos Santos
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Fátima a Estrêla de Portugal

A GRANDIOSA ROMAGEM NACIONAL DE MAIO

Como Lourdes, nos Pirinéus, é a cidade gloriosa da Imaculada, assim Fátima, na serra de Aire, é a mística cidade do Rosário e uma e outra são sobre-a terra, o trono mais augusto e mais esplendoroso de Jesus no seu sacramento de amor — a santíssima e diviníssima Eucaristia!

As peregrinações — A procissão das velas — Os cânticos — A profissão de Fé — Feixes de luz — Ondas de som.

Dia doze de Maio! Tarde linda, tarde primaveril, estuante de vida, cheia de luz e de encanto, irizada de mil cores, unida com os suaves perfumes da natureza em flor!

Pelas estradas, caminhos e atalhos, do nosso querido Portugal, herdeiro da fé e das glórias do Portugal dos descobrimentos e das conquistas, dos galeões e das caravelas, através de montes e vales, lá vai, lá corre, em filas longas, intermináveis, como caravanas no deserto, dirigindo-se à Cova da Iria, a grandiosa e incomparável romagem da Pátria. Sobre o planalto sagrado da Serra de Aire, santificado pela presença e pelas bênçãos da Rainha do Céu, encontram-se já, ao pôr do sol, duzentos mil peregrinos, ali trazidos pelo ardor da sua fé viva e pelo impulso da sua piedade acrisolada para com a Virgem bendita.

São quasi dez horas. O local das aparições é um vasto mar de fogo, que tudo ilumina e abrasa. A breve trecho, as vagas desse mar ligeiramente encrespado movimentam-se e formam rios de chamas que circulam em tôdas as direcções, produzindo um espectáculo assombroso e único.

Lá desfilam, em cortejo interminável, as diferentes peregrinações e os numerosíssimos grupos de peregrinos. Quiaios (Figueira da Foz), Lagares e Entre-os-Rios (Penafiel), Bemfica, Santa Isabel e Olivais (Lisboa), Várzea (Santarém), Caldas da Rainha, Mata do Rei (Alcanede), Oliveira do Hospital e Pomares, Alvorge (Ancião), Pó da Flor, Aguium (Bairrada), Almeirim, Lamego, S. Cosme de Gondomar, Melo, Marrazes (Leiria), Olalhas (Tomar), Rio Maior, Vandoma (Paredes), Ladório, Côja, Ladoeiro (Castelo Branco), Palmá (Alvaiázere), Igreja Nova, Ferreira do Zêzere, Serra de Santo António, e muitas outras cidades, vilas e aldeias, enviaram os seus contingentes a esta formidável parada de forças da milícia cristã portuguesa. Uma das peregrinações mais numerosas e vindas de mais longe foi a do Algarve, constituída por cinquenta pessoas e presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Marcelino Franco, Bispo de Faro. Esta peregrinação chegou no dia doze, de manhã, a Torres Novas. Na igreja de S. Pedro desta vila, às oito horas, o Senhor D. Marcelino celebrou a Santa Missa e administrou a Sagrada Co-

munhão a todos os peregrinos e muitas outras pessoas. Em seguida à missa, os peregrinos foram transportados a Fátima em camionnettes.

Merecem também especial referência pela sua excelente organização e pelo número dos seus membros as três peregrinações de Lisboa, assim como a de Rio-Maior, Várzea, Alvorge, Olalhas, Ancião e Marrazes.

A das Caldas da Rainha composta de cem pessoas foi promovida pela Congregação das Filhas de Maria, a de Melo pela Associação da Juventude Católica e a de Rio Maior pela Liga do Apostolado da

rev.do dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas, dezenas de milhar de lábios descerram-se para fazer, no canto do *Credo*, uma profissão, solene, vibrante e calorosa, da sua fé. E a procissão das velas, esse cortejo imponente e magestoso, que durante mais de duas horas percorreu os domínios sagrados da Virgem em tôdas as direcções, aclamando-a delirantemente, depois de ter saudado a Rainha do Céu, rezando o terço, acaba por se converter numa grande apoteose de fé, cantando o Símbolo dos Apóstolos aos pés do Divino Rei do Céu oculto no seu sacramento de amor.



FÁTIMA — PROCISSÃO DAS VELAS

Oração, tendo esta última estreado um lindo estandarte do Sagrado Coração de Jesus e levado uma vistosa bandeira representando a primeira aparição e pertencente ao lugar de Fonte da Bica, dessa freguesia.

Durante a procissão das velas, o *Ave* é cantado com entusiasmo por milhares e milhares de bocas.

E' quasi meia-noite. A Cova da Iria está de novo transformada num imenso lago de fogo, calmo e tranquilo. As multidões concentram-se em frente da capela das Missas. Súbito, a uma palavra do

Os megafónios regulam o movimento dos peregrinos na procissão das velas e depois, durante a adoração nacional, as preces e os cânticos, funcionando com uma perfeição inexcedível, graças aos esforços inteligentes do engenheiro Rocha Melo, eficazmente coadjuvado pelo rev.do Manuel de Sousa, digno reitor do Santuário, e as lâmpadas eléctricas, dispersas com profusão no vasto recinto da Cova da Iria, distribuem por toda a parte uma luz suave, alegre e abundante. Fátima, nestas horas da noite, é verdadeiramente um lindo cantinho do Céu.

A adoração nacional — O Reverendo Gonzaga Cabral — Os mistérios dolorosos — As missas — As missas dos servitas — A Bênção com o Santíssimo Sacramento.

Pouco depois da meia-noite, terminada a procissão das velas, a que, como se disse, pôs remate condigno o canto entusiástico do *Credo*, Jesus-Hóstia é exposto num lindo trono de luzes e flores no altar-mor da capela das missas. Começa nesse momento a primeira hora de adoração e reparação, a honra de adoração e reparação nacional. Em frente do microfone, o rev.do Gonzaga Cabral dá início à recitação do terço do Rosário, fazendo uma breve introdução e explicando o primeiro mistério doloroso — a agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras. Toma para texto das suas cinco práticas as palavras do Evangelho de S. Lucas, cap. XIII, v. 5: «Se vós não fizerdes penitência, todos à uma perecereis». E, antes de passar adiante, convida os fiéis a repetir com êle a saudação popular a Jesus Cristo realmente presente ali no seu sacramento de amor: «Bemdito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, fruto do ventre sagrado da Virgem Puríssima Santa Maria».

Em seguida profliga a superstição do número treze, tão espalhada no nosso país e que a Virgem parece ter tido a intenção de combater, escolhendo o dia treze para data das suas aparições durante meio ano. A grande lição de Maria em Fátima, diz o ilustre orador, como em La Salette e em Lourdes, é uma lição de penitência. Depois desenrola os diferentes passos da Paixão do Senhor. O primeiro mistério é o mistério da paixão do Coração de Jesus. O Divino Salvador escolhe o algoz: o seu amor. A êle se entrega, antes de se entregar aos seus inimigos. Durante três horas permanece em oração a seu Eterno Pai. A oração também é penitência. Portugal, pecador, precisa de expiar os seus pecados. E aqui, em Fátima, estão tantos a pedir por nós e por aqueles que não veem a Fátima e não creem e não querem orar.

Segue-se o mistério da flagelação. O amor de Jesus entrega-o a outro algoz: a justiça da terra, representada primeiro pelo tribunal dos pontífices e depois pelo tribunal de Pilatos. Jesus expia no seu corpo sacrosanto todos os pecados da impureza. O sangue divino, espadanando das veias, converte-se numa onda de sangue que banha e lava o mundo. Que esse sangue venha inundar Portugal! Que

aqui surja uma pleiade de castos, nesta terra, donde os primeiros, que os inimigos de Deus se apressaram a expulsar, foram os castos.

No terceiro mistério contempla-se a coroação de espinhos. Se a flagelação fôra a paixão do corpo, a coroação de espinhos foi a paixão da honra. Aquela foi a dor física, esta a dor moral. Jesus, Rei por natureza, Rei por conquista e Rei por escolha é proclamado rei de comédia! Reconhecemos a verdadeira soberania, a realeza divina de Jesus, e, se éle, o Rei do Céu e da terra, se sujeitou a tão horríveis humilhações para expiar os nossos pecados, nós, se queremos ser verdadeiros penitentes, sofremos com paciência as injúrias que nos forem feitas e por amor de Jesus perdoemos aos nossos inimigos.

No quarto mistério contempla-se a ida de Jesus com a cruz às costas para o Calvário. Nenhuma nação na sua terminologia de piedade achou, como a nossa, uma expressão tão original e ao mesmo tempo tão exacta para traduzir este mistério. Chama a Nosso Senhor Jesus Cristo neste passo *Nosso Senhor dos Passos*. Quando o Verbo ainda não se tinha feito homem, era senhor de todas as riquezas. Era feliz. Mas achou que alguma cousa faltava no Céu. Era a cruz. No Céu não havia sofrimento, não havia dores. Jesus amou-nos. E, porque nos amava, quis paracer-se conosco. E por isso veio à terra procurar a Cruz que no Céu não encontrava. A cruz eram os seus amores. Todos temos a nossa cruz. Assim o exige a nossa condição de pecadores. E, se agora algum pecado deve ser assinalado, é o dos vossos passos, passos que dais e não deveis dar, passos que deveis dar e não dais.

No quinto e último mistério doloroso contemplamos a crucificação e morte de Jesus. Chegou o lúgubre acompanhamento ao Calvário. Amigos poucos: Maria Santíssima, algumas santas mulheres e o discípulo amado S. João. Inimigos, muitos que instigam os algozes a serem mais cruéis. Estes ordenam a Jesus que se deite sobre a cruz. A Vítima divina obedece por nosso amor. A cruz é levantada ao alto. Jesus vai falar. A sua primeira palavra é, não um grito de vingança, mas uma súplica de perdão: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!». E nós não havemos de perdoar àqueles que nos ofendem? Tornou a descerrar-se a boca divina:

«Hoje estarás comigo no Paraíso». Palavras dirigidas a um grande pecador, a um ladrão, a Dimas, que estava ao seu lado direito.

Porquê estas palavras a um condenado da justiça humana? E que éle pedira perdão. Onde estaria Maria Santíssima nesse momento? Talvez entre a cruz de Jesus e a Cruz do Bom Ladrão. Terceira palavra: «Senhora, eis aí o teu filho!» Maria Santíssima recebeu então solenemente a investidura de nossa Mãe e Rainha. «Meu Deus, porque me abandonastes?» Jesus sofreu a deicação de Deus para consolar a aridez das pessoas piedosas na oração. A perfeição não está no gozo das suavidades divinas, mas na união da nossa vontade com a vontade de Deus. «*Consummatum est*!» A paixão realizou-se. Mas a sua aplicação depende de nós. Para nos podermos salvar é necessário que correspondamos à graça.

«Pai, nas vossas mãos entrego o meu espírito!» Et inclinato capite expiravit. «E, tendo inclinado a cabeça, expirou». Ha um mistério nesta inclinação de cabeça. É o sim dado a todas as nossas súplicas justas e sensatas. Dais-me o perdão? Sim, se te arrependeres. Dais-me o Céu? Sim, se trabalhares por isso. E o adeus à Mãe querida. É o efeito do peso da cruz. É o designar da ferida aberta no Coração.

Peçamos à Virgem de Fátima que nos introduza no Coração de Jesus, que é infinito, e que nos alcance dêle o perdão dos nossos pecados.

Depois da hora de adoração nacional, que se prolongou até cerca das duas horas, começaram os sacerdotes presentes, que eram em número de muitas dezenas, a celebrar o santo sacrificio da missa, sucedendo-se e ajudando-se uns aos outros, nos altares disponíveis da capela das missas e da Penitenciaria. As quatro horas, celebrou-se no altar-mor da Penitenciaria a santa Missa a que assistiram e comunicaram os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário, para ficarem desde essa hora, depois de fortalecidos com o Pão dos Anjos, completamente livres a fim de poderem entregar-se à sua benemérita tarefa. Entretanto sucedem-se as diferentes horas de adoração. Fazem colectivamente a sua hora de adoração, das duas às três horas, as peregrinações de Lisboa e Serra

de Santo António, das três às quatro, as de Marrães, Alvorge e Caldas da Rainha, e das quatro às cinco as de Igreja Nova e Ferreira de Zêzere. As cinco horas, com a assistência do Senhor D. José, venerando Bispo de Leiria, depois de cantado o *Tantum ergo* deu-se a bênção eucarística e encerrou-se o Santíssimo no Sacrário.

A missa do Senhor Bispo de Leiria — A Comunhão Geral — As confissões sacramentais — No Posto das verificações médicas — Os doentes — Os médicos.

As cinco horas e meia, o Senhor D. José sobe ao altar-mor da capela das missas, paramenta-se e celebra a missa da Comunhão geral. Na mesa do altar, do lado do evangelho e do lado da epístola, são colocadas sobre corporais duas enormes pidades, contendo cada uma delas cerca de seis mil partículas.

Após a consagração, saem da sacristia e vão ajoelhar-se dum e doutro lado do altar vinte e cinco sacerdotes, revestidos de sobrepelís e estola, tendo cada um nas suas mãos um pequeno cibório vasio. Logo que o augusto celebrante acaba de tomar o preciosíssimo sangue, esses sacerdotes aproximam-se do altar e, uns após outros, enchem os cibórios de partículas que tiram com as suas próprias mãos dos vasos colocados em cima do altar. Em seguida, juntamente com o venerando Prelado, partem para a vasta esplanada a fim de administrarem o Pão dos Anjos aos fiéis preparados com a confissão sacramental para o receberem nos seus peitos. Durante horas e horas a fio, Jesus-Hóstia desce às almas que o procuram ansiosamente, naquele banquete divino, para ser o seu alimento, a sua força e a sua consolação. O rev. do António Pereira Quartilho, pároco de Rio Maior serviu à mesa eucarística durante quatro horas, tendo de interromper a sua grata tarefa para poder acompanhar a peregrinação a que presidia até junto do Pavilhão dos doentes, onde ia tomar parte colectivamente nos actos religiosos oficiais. O rev. Gonzaga Cabral, que pela primeira vez visitava a Lourdes portuguesa, empregou, com grande satisfação da sua alma, duas horas e um quarto no mesmo serviço. O rev. do Augusto de Souza Maia, secretário particular do Senhor Bispo de Leiria, chegou a ir, na distribuição do Pão Eucarístico, até ao pórtico da Avenida Central andando por dezoito mil as comunhões deste dia. Ao mesmo tempo e desde a véspera à tarde, milhares de homens purificavam-se nas águas lustrais do sacramento da penitência. Dezenas de sacerdotes ocupavam os confessionários da Penitenciaria, ouvindo, no tribunal da misericórdia divina, os pecados dos penitentes arrependidos e concedendo-lhes, com a absolvição sacramental, o perdão das culpas, as graças de Deus e a paz da consciência. E era tão avultado o número dos que queriam receber esse sacramento que uma grande multidão se conservou toda a noite em frente das portas da igreja da Penitenciaria, na esperança de que lhes chegasse mais depressa a vez. Mesmo ao ar livre, no vasto recinto da Cova da Iria, se viam sacerdotes sentados sobre blocos de pedra, atendendo penitentes que não conseguiam entrar na Penitenciaria!

Até às onze horas, no Porto das verificações médicas, instalado no Albergue de Nossa Senhora do Rosário, tinham sido inscritos nos cadernos de registo oitenta doentes. Algumas centenas dêles não tinham conseguido obter o cartão de ingresso no respectivo Pavilhão, uns por falta de documentos indispensáveis e outros por não se acharem em estado tão grave como aqueles a quem foi facultado esse cartão! Entre os médicos presentes, viam-se, além do dr. Pereira Gens, da Batalha, director do Posto, os drs. Weiss de Oliveira, de Lisboa, Falcão, de Alhos Vedros, Mendes de Almeida, de Fronteira, José Bonifácio, de Peniche, Abreu Freire, de Avanca, Eusébio Fontes, de Olhão, Augusto de Azevedo Mendes, de Tôrres Novas, Carlos da Silveira, de Tomar, e Pereira Coutinho.

Um dos médicos tinha percorrido a pé, da sua terra a Fátima, cerca de cem quilómetros, em cumprimento duma promessa que fizera. Entretanto, milhares e milhares, de veículos, que vão chegando, despejam na Cova da Iria multidões de crentes de todos os pontos do país, que se preparam para assistir às grandes solenidades do dia. Só da cidade de Lisboa viam seiscentos automóveis conduzindo milhares de peregrinos.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário — As servas de Nossa Senhora do Rosário — Os hospitalários do Porto — A visita dos aviões — Flores do céu — A Fonte miraculosa.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário, sob a direcção do seu chefe, o sr. major Pereira dos Reis, prestaram os mais relevantes serviços na condução dos enfermos e no desempenho das outras funções a seu cargo. As servas de Nossa Senhora do Rosário superiormente dirigidas pela Madre Amada de Luísa e Lemós, dominicana, foram dum desvelo inexcédível para com os doentes. Ao lado dos servitas e das servitas trabalharam também prestando ótimos serviços, com um zelo, uma competência e uma dedicação dignas do maior elogio, os beneméritos hospitalários do Porto, treze homens e doze senhoras ajudantes, sob as ordens do comandante sr. Mário Barreto.

Por volta do meio-dia, aparecem nas alturas, procedentes do sul, os primeiros aviões, que iam saudar a Virgem no local das suas aparições e associar-se às homenagens nacionais que naquele dia lhe eram ali prestadas por centenas de milhares de portugueses, de todas as classes e condições sociais. De bordo dos aviões são lançados sobre a Cova da Iria lindos ramos de flores que, piedosamente recolhidos pelos peregrinos, vão depois ornamentar a estátua e o altar da gloriosa Rainha do Rosário.

Em volta da fonte das aparições, de cujas quinze bocas jorra abundante a água miraculosa, aglomera-se uma multidão numerosa, incessantemente renovada, que enche com a preciosa linfa recipientes de toda a espécie e de todas as formas e tamanhos.

A procissão de Nossa Senhora — A missa oficial — O Senhor Bispo do Algarve — A Bênção dos doentes — O sermão do Reverendo Gonzaga Cabral — A procissão do «adeus».

Pouco depois do meio-dia realiza-se a procissão de Nossa Senhora. A linda estátua da Virgem é conduzida em triunfo, aos ombros dos servitas, da capela das aparições para a capela das missas. Quando o andar transpõe o limiar do Pavilhão dos doentes, o entusiasmo da multidão atinge os raios do delírio. Estragem os vivos e as aclamações, de mistura com as súplicas e os cânticos, centenas de milhares de pessoas espalhadas por toda a Cova da Iria e nas colinas adjacentes acenam com os seus lenços brancos, semelhantes a flocos de neve, e nas alturas, ostentando com ufania a cruz de Cristo, como mensageiros do Céu os aviões, no roncar forte dos seus motores, tomam parte, à sua maneira, naquela apoteose sublime, e indescritível à gloriosa Rainha do Santíssimo Rosário.

De repente, centenas de vozes rompem num cântico de fé: o Credo. E as notas dêsse cântico ecoam ao longe, levando até aos confins de Portugal o protesto da melhor e maior parte da população do país, ali representada pelo seu escol, contra todas as blasfémias da impiedade, contra todas as negações da descrença e contra todos os sofismas da dúvida.

O Senhor Bispo do Algarve, D. Marcelino Franco, sobe ao altar, paramenta-se e celebra a missa dos doentes, que é acompanhada a órgão e cânticos. Depois da missa, faz-se a exposição do Santíssimo e reza-se o terço do Rosário. Segue-se a tocante cerimónia da bênção dos doentes. É o Senhor Bispo do Algarve que leva a Sagrada Custódia, conduzindo a umbela, a convite do Senhor Bispo de Leiria, o Brigadeiro sr. Lacerda de Machado, comandante militar da região. Os doentes erguem os olhos e as mãos, em atitude supplicante, para a Hóstia-Santa. A comoção é enorme. Vêm-se lágrimas em todos os rostos. Entretanto, no alto da tribuna, em frente do Pavilhão, o rev. do capelão-director dos servitas faz as invocações do costume. São gritos de alma, correspondidos por milhares de bocas, que sobem ao Céu e fazem violência ao Coração de Deus. A multidão reza, chora, soluça e canta. E os doentes, os pobres doentes, no estuar da sua fé e no crescer da sua confiança, imploram e esperam da bondade de Jesus, que, como outrora na Palestina, passa fazendo o bem, a cura, o lenitivo e o conforto de que carecem ou a resignação à vontade de Deus para levarem a cruz dos seus sofrimentos com méritos para o Céu.

Dada a bênção geral e conduzido o Santíssimo Sacramento para a capela da Penitenciaria, ocupa de novo o lugar junto do microfone o rev. do Gonzaga Cabral. O ilustre orador começa por dizer que,

como o profeta, não sabe falar, depois de tudo o que viu. Julgava conhecer Portugal e afinal não o conhecia. Aqui, em Fátima, vê-se bem que Portugal é a terra do Santíssimo Sacramento e a terra de Santa Maria. Vamos dizer adeus à Virgem. Mas levemos a paixão de Fátima por todo o Portugal. Partindo de Fátima, todos hão-de sentir saudades de Fátima. «Eu assisti aos mais deslumbrantes espectáculos de Lourdes, diz o ilustre orador; é nada em comparação de Fátima. Em presença destas maravilhas divinas, reconheço-se que não é possível destruir o catolicismo em três gerações, nem sequer em trinta. Aqueles que o afirmam é que deviam estar agora aqui. Oh! segredos inefáveis dos confessores nestes dias! Maravilhas conhecidas só dêles, de Deus e dos penitentes! E preciso que estes perseverem para poderem ficar, no dia ao ajuste de contas, à direita do Supremo Juiz.

No dia de hoje, os Anjos, os Santos, e especialmente os Santos e Santas de Portugal, debruçaram-se dos balcões da eternidade para contemplar a Pátria portuguesa e louvar a Deus pelo admirável espectáculo que ela ofereceu.

O' Virgem de Fátima, adeus, adeus, adeus sempre!

Ao terminar o sermão, orador e fiéis, todos choravam, dominados por uma forte comoção.

A multidão canta o «Salve, nobre Padroeira», enquanto se organiza a procissão de «adeus».

O andar, precedido do clero e dos venerandos Prelados de Leiria e do Algarve, é conduzido aos ombros das servitas sob uma chuva contínua de flores, que de toda a parte são lançadas sobre êle pelos fiéis. De repente, junto da fonte miraculosa é solto um numeroso bando de pombas brancas que, voando por cima do andar da Virgem, vão pousar no telhado do Pavilhão dos doentes. O entusiasmo é indescritível. A multidão comprime-se à passagem do cortejo e depois reúne-se em volta da capela das aparições, onde a estátua da Virgem é colocada sobre o seu pedestal.

Rezadas as últimas orações e feita a consagração à Virgem, a grande massa de povo começa a debandar. Ao pôr do sol, só se viam na Cova da Iria, como rectangular do grande exército de fé e piedade, que acampara durante dois dias naquela terra unvida de graça e perfumada de milagre, a peregrinação de Bemfica, Lisboa, que no dia seguinte de manhã, como de costume nos anos anteriores, havia de realizar os actos religiosos privativos das peregrinações antes de regressar à capital nos magníficos «autocars» da Sociedade Autocar Limitada e nos outros carros expressamente contratados para a transportar à estância bem-dita de Fátima, a gloriosa Lourdes Portuguesa.

Pregoeiros de Fátima — Pregoeiros de Portugal — O Reverendo Gonzaga de Fonseca — Conferência no Instituto Bíblico de Roma — Cardiais, ministros, lentes, diplomatas — Centenas de alunos das Universidades Romanas.

Subordinada ao título «Uma conferência sobre Fátima no Instituto Bíblico de Roma», publicou o grande diário católico de Lisboa «Novidades» no seu número de segunda-feira, dezanove de Maio último, uma interessante local, que, com a devida vénia, se transcreve aqui para conhecimento dos leitores da «Voz da Fátima».

«Teem este ano passado pela tribuna de conferências do Pontifício Instituto Bíblico de Roma alguns dos nomes mais eminentes na Igreja, nas sciências históricas, na investigação arqueológica, nos mais preclaros sectores do pensamento e actividade humanas.

Queremos dar a gratíssima notícia aos católicos portugueses — e devia sê-lo até para todos os portugueses não católicos, se os há — de que acaba ali de se fazer uma conferência sobre Nossa Senhora de Fátima. Foi no passado dia onze, perante uma assistência selectíssima de sábios, de diplomatas, de Cardiais, Prelados e rapazes, estudantes de todo o mundo.

De Fátima só pode, a bem dizer, falar a linguagem do coração, um português. E foi um português o conferencista, o sábio jesuíta dr. Gonzaga de Fonseca, um dos mais eminentes Professores do Instituto, cuja sciência e virtude lhe grangearam há muito uma situação de marcante relêvo em Roma. O salão nobre, vastíssimo, pejava-o uma multidão.

Na primeira fila dos cadeirais solenes, Cardiais, altos dignitários da Cúria Romana, Professores, diplomatas, entre

êles os representantes de Portugal no Vaticano e Quirinal, e muitos centenares de alunos das Universidades Romanas. A conferência foi entrecortada de projecções de belas fotografias de Fátima, apresentando o espectáculo único, formidável, dessas massas enormes de gente que ali veem acorrendo em louvores à Virgem, Padroeira de Portugal.

Impressão profunda causou essa conferência na selecta assistência. Entre as fotografias contava-se a da imagem da Senhora de Fátima venerada no altar-mor da capela do Colégio Português em Roma e benzida pelo próprio Santo Padre.

Bem haja quem tanto se honrou levando

do junto de tantas almas as glórias de Maria na terra de Portugal.

Esses rapazes, filhos de todos os países e latitudes, irão um dia pelo mundo além cantar e espalhar os louvores a Maria em Portugal, os louvores e as bênçãos da Senhora de Fátima. Apóstolos e pregoeiros também do nome e da acção portuguesa. Missionários de Deus e de Portugal!

Graças a Deus! Mais uma vez as glórias da Igreja andarão junta, pelo mundo, a glória da terra de Portugal, que é terra de Santa Maria e do Santíssimo Sacramento!

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Mal de Pott

Francisco Pereira Aurora, de 44 anos, casado, da Golegã, havia cinco meses que estava de cama, atacado (segundo afirma) de mal de Pott, desenganado de todos os médicos.

Antes do dia 13 de maio de 1929 começou uma novena e foi a Fátima, começando logo a melhorar, desaparecendo até em pouco, a saliência e deformidade que tinha na espinha dorsal. Do livro de registo dos doentes albergados em Fátima naquele mês consta o seguinte: «N.º 41 — Francisco Amora, 43 anos — Golegã — mal de Pott». O atestado do Ex.º Sr. Dr. Brito diz apenas o seguinte: «... sofre nesta data (7 de maio) de uma doença que o impossibilita de angariar os meios de subsistência».

Perna ulcerada havia 16 anos

José Laranjo Braz, da Gândara, freguesia de Carvide (Leiria) de 68 anos, havia 16 anos que tinha uma perna de tal modo ulcerada, que causando-lhe por vezes dores atrozes, estava na eminência de ser necessário amputá-la.

Uma vez que voltava de casa de um filho, casado, que habitava perto da estação de Monte Real, sentiu tais dores que pensava não poder chegar a casa.

Lembrou-se então de recorrer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, cessando as dores imediatamente e aparecendo curado dentro de pouco tempo. Já lá vão três meses. Cheio de gratidão veio em maio a Fátima, como tinha prometido.

Infecção grave

Cândida Ferreira Coutinho, de 33 anos, solteira, de Espinho, devido à picadela de uma espinha de peixe teve uma tal infecção em um braço que foi lancetado em catorze partes, falando-se em ser cortado. Ao próprio médico pareceu extraordinária uma tal cura que ela atribue às orações de umas religiosas de Matozinhos a N.ª Senhora de Fátima. Veio a Fátima em maio conforme prometera.

Tuberculose

Teodora de Jesus, de 53 anos, casada, residente na Venda Nova, freguesia do Castelo (Cezimbra), havia cinco anos que sofria duma doença muito grave que o médico dizia ser tuberculose, além de padecimentos nos intestinos, rins, fígado, etc.

Da primeira vez esteve seis meses de cama voltando, depois de algumas melhoras, a estar mais sete meses. Andou depois levantada quatro meses posto que sofrendo muito. O médico não sabendo já que fazer mandou-a recolher ao hospital de Cezimbra mas nem ela teve ânimo de deixar os filhos nem o marido aprovou, preferindo morrer em sua casa. Afinal sempre se resolveu a sair para o hospital de santa Marta, em Lisboa. Quando andava nos preparativos começou a deitar muito sangue pela boca o que sucedeu várias vezes depois.

Convencida afinal que nada tinha a esperar da medicina, cansada de sofrer, lembrou-se de recorrer a Nossa Senhora de Fátima a quem fez várias novenas. No dia 10 de junho, apesar de o médico dizer que ia ficar pelo caminho

Ao entrar no comboio ia tão bem disposta e satisfeita que nem se lembrava da possível expectoração de sangue. No entanto, assustando-se um pouco à passagem de um tunel, assustou-se um pouco porque sabendo-lhe a boca a sangue deitou uma golfada. o que a fez recorrer a N.ª Senhora ainda com mais fervor. Foi a

última vez. Desde então até hoje (9 de maio) sente-se curada. Ela que nem cinco minutos podia estar de pé nem fazer qualquer trabalho, andou léguas e chegou a casa tão satisfeita que fez a admiração de todos.

Fístula

Luis Pena Pedro, casado, de Alcochete, residente em Lisboa, na travessa dos Moinhos, 16 (a Santo Amaro), sofria, havia quatro anos, de uma fístula de que foi operado sem resultado. Em vista disto o médico aconselhou a entrada no hospital de S. José para segunda operação. Sabendo isto sua mulher recorreu a N.ª Senhora de Fátima assistindo a todas as novenas e devoções realizadas na igreja de S. Pedro de Alcântara para inauguração da imagem de Nossa Senhora de Fátima, prometendo ir com seu marido a Fátima antes de entrar no hospital. Assim fizeram, incorporando-se ambos na peregrinação do Patriarcado de maio de 1919.

«Na véspera (informa o miraculado) confessámo-nos nas Oficinas de S. José e comungamos de manhã em S. Pedro de Alcântara e dali partimos para a igreja de S. Domingos, donde partia a peregrinação, assistindo ali a todas as cerimónias.

Logo nessa ocasião me senti melhor sendo possível estar sentado sem que nada soffresse. No entanto nada disse a minha esposa para que ela própria o notasse.

Regressei a Lisboa completamente curado. Voltámos este ano a Fátima para agradecermos a N.ª Senhora a sua misericórdia.»

Durante 15 anos

Josefa Maria, da Ranha, freguesia de Vermoil (Pombal) havia 15 anos que quasi nunca se lhe conservava a comida no estomago. Uma visinha, condoida deste sofrimento trouxe terra e água da Fátima e deu-as à doente, estando já curada, o que vem agradecer a N.ª Senhora por este meio (carta de 11 de maio de 1930).

Reumatismo

Laurindo Fernandes da Silva de S. Vicente de Ovar: Em 1927 caí doente com reumatismo e uma queda juntamente. Estive 7 meses paralitico parecendo-me que nunca melhorava.

Minha família dera-me um jornal da Fátima e eu ao vêr os grandes milagres fiquei cheio de esperança e principiei a rezar um Rosário todos os dias, e aos 9 dias já caminhei dando algumas passadas, continuando a melhorar. Hoje faço viagens de 10 quilómetros a pé.

Prometi publicar no jornal da Fátima esta graça o que peço a V. Ex.ª que se digno tornar público.

Um Kisto

Domingos de Sales Gomes Moreira, de Viana do Castelo, em 3 de abril último, expõe o seguinte:

«Peço a fineza de publicar no jornal Voz da Fátima, para maior glória de Maria Santíssima, o seguinte: Em 1920 appareceu-me, na parte exterior da garganta, um kisto. Andei pelas mãos dos médicos e nada de sarar até que em 20 de Maio de 1929 tendo então já feito sem resultado, 4 operações, fui para o Porto. Fui novamente operado. O Snr. Dr. Alvaro Rosas disse que estava são, mas infelizmente enganou-se, pois na manhã do dia 5 de Julho, qual não foi o meu espanto ver que tinha rebentado. Melancólico, não sabia como informar meus bons Pais d'este infeliz successo, pois tinham já acabado as tristezas e

ver que se iam renovar quando disto soubessem.

Eles, porém, como me vissem tão triste, perguntaram o que tinha acontecido. Vi-me deveras embaraçado, mas pensando um pouco, respondi que nada e dirigi-me a um quarto, onde pedi à Santíssima Virgem, que, se não se dignasse conceder-me a cura, ao menos que me desse coragem para informar meus pais e que os consolasse bem como à restante família.

Sai do quarto, já me esperavam para me interrogarem de novo, quando, antes de me fazerem a mesma ou semelhante pergunta, com muita coragem lhes disse: nada de desanimar, mas muita confiança na Consoladora dos Aflitos, pois a minha hora ainda não é chegada, e principiei a contar-lhes o que se tinha passado. Não tenho palavras para explicar a dor que sentiram. Ao vê-los desfeitos em pranto, não pude conter as lágrimas. Meu pai levou-me imediatamente ao Snr. Dr. Delgado que depois de me ter examinado, disse-lhe que me acompanhasse a casa e voltasse lá. Minha família estava triste mas ainda mais ficou quando chegámos; certamente pensariam que já não havia cura. Triste, meditando, dizia comigo mesmo: infeliz de mim que já não tenho cura e N.ª S.ª a quem a peço desde o aparecimento da doença não se digna ouvir-me.

Voltou meu Pai, acompanhado do Snr. Joaquim de Almeida, ao dito Dr., muito triste, pensando que ia ser privado de mim, segundo mo disse, depois. Quando chegou não queria dizer o que lhe tinha dito, mas pedindo-lhe muito, sempre disse com profunda tristeza: Diz o Sr. Dr. que precisas de ser novamente operado mas arriscado a... «aqui não teve coragem para pronunciar o resto, mas entendi perfeitamente» e que te tinha encontrado fraguissimo, por isso que esperásemos mais algum tempo e proibiu de se por remédio algum.

Em casa de meus pais já não havia senão tristeza. Cogitando na minha triste situação, vi que a sciência humana não me podia valer. Então recorri novamente à Mãe do Céu, N.ª S.ª de Fátima e com muita fé principiei a pôr uma compressa embebida em água de Fátima — Milagre — Desde que me servi dela, principiei cada vez que a applicava, a achar-me melhor!... Passados 15 dias fui ter com o mesmo Dr. Delgado, que ficou admiradissimo. Dizia êle, depois de me ter examinado: Como sarou? — Eu disse-lhe que tinha recorrido à Consoladora dos Aflitos e desde que lá tinha ido, tinha posto todos os dias, com muita fé, uma compressa embebida em água de Fátima. Ao ouvir isto mais admirado ficou. Voltei a casa com meu Pai e continuei a aplicar o mesmo remédio. Passado outro tanto tempo voltei ao Snr. Dr. Delgado; êste, depois de me ter sujeitado a novo exame, disse que podia agradecer à bondosa Mãe do Céu, pois não tinha sido senão um grande milagre!...

Fui depois examinado por vários médicos que confessaram o mesmo.

Qual a Mãe que não atende aos rogos do filho?

Desde 1920 vinha pedindo a Nossa Senhora de Fátima, a minha cura, fui finalmente atendido.

Agradeço, pois, reconhecido a Nossa Senhora de Fátima, a minha cura, e que acuda com a sua divina graça aos que cheios de amor e fé, como eu, a ela recorrem.»

Doença grave

«E' uma mãe, cheia de alegria e contentamento, que escreve a V. Rev.ª, com o fim de dar a maior publicidade à cura, que eu julgo miraculosa, que N.ª Senhora de Fátima fez a uma minha filha.

Essa minha filha, de 20 anos, é o enlêvo dos seus. Sendo desde sempre forte e robusta, sobreveio-lhe, há mais de 4 anos, uma tão grave doença, que, esgotados todos os meios que a sciência aconselha, a poz ás portas da morte. E tanto assim que um dia (triste dia êsse!) eu fui encontrá-la fechada no seu quarto, deitada na cama com os seus melhores vestidos, a chorar copiosamente, dizendo-me que, tendo já perdidas todas as esperanças, estava preparada para a levarem para o cemitério!

Como é de calcular, perdida de dor, chorei abundantes e amargas lágrimas e minha pobre filha chorou comigo também. Num momento feliz, lembro-me de recorrer à intercessão de N.ª Senhora de Fátima e fui à Igreja da Misericórdia, desta cidade, onde Ela é muito venerada, e pedi-lhe de toda a minha alma e de todo o meu coração, como as mães sabem pedir, que me fizesse a graça de me curar.

Pois nada mais foi preciso. Logo que chego a casa, encontrei a minha querida filha melhor, e, passados alguns dias, poucos, estava completamente curada da terrível doença, depois de ter sido abandonada pelos médicos.

Seria um milagre? Não tenho autoridade para afirmá-lo. O que posso afirmar, bem alto, e em toda a parte, é que minha filha só melhorou, depois de termos recorrido, com muita fé, à intercessão de N.ª S.ª de Fátima, que é, realmente, a saúde dos enfermos. *Salus infirmorum.*

Eu e minha filha, cujos nomes vão abaixo assinados, pedimos ao rev.º do Capelão da Igreja da Misericórdia o favor de nos escrever esta carta e de a mandar para o jornal Voz de Fátima, que V. Rev.ª tão dignamente dirige, para que todos os seus leitores vejam que nunca é em vão que se recorre à nossa boa Mãe do Céu, onde ela é a tesoureira de todas as graças, quando as merecemos.

Pedindo o favor da publicação desta carta, assinamo-nos, com o maior respeito e gratidão.

De V. Rev.ª etc.

Constança Augusta Tronfa Real

e

Carolina Augusta Tronfa Real

Chaves, Rua do Póço, 26 de Maio de 1930.»

Tuberculose galopante

Serafim Madeira, casado, de 25 anos, do Teixoso (Beira Baixa), foi atacado de tuberculose galopante, tendo sido tratado pelo snr. Dr. Paul, da Guarda e outros da Covilhã chegando a dizer que viveria apenas uns quinze dias, chegando a receber os últimos sacramentos. Recorreu a Nossa Senhora do Rosário de Fátima prometendo trabalhar uma semana, de pedreiro, nas obras do santuário, encontrando-se curado.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	206.833\$55
Papel, composição e impressão do n.º 92 (80.000 exemplares)	4.242\$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	313\$00
	<hr/>
	211.388\$55

Donativos vários

O nosso jornalzinho é distribuído gratuitamente na Fátima nos dias 13 de cada mês e só o enviamos pelo correio a quem enviar o mínimo de dez escudos por ano. Não havendo espaço para registar aqui todas as quantias enviadas, limitamo-nos às mais avultadas.

Maria Rosa Fontes, 30\$00; Comissão promotora do Culto de N.ª Senhora da Fátima na igreja dos Terceiros, em Braga, 50\$00; donativo de L. M., 240\$00; Maria do Carmo Martins Morgado, 30\$00; Joaquim de Santana Carvalho, 60\$00; Beatriz Rodrigues Silva, 85\$00; P.e José Pires Coelho, 58\$50; José Martins da Cunha 70\$00; uma pessoa de Pedrogão Grande 3\$00; Daniel Antunes, 45\$00; Manuel da Silva Matias, 100\$00; Vice-Reitor de Seminário de Evora, 50\$00; Anselmo Alves Borges, 202\$50; Artur de Figueiredo, 30\$00; Maria de Jesus Vidal, 125\$00; José Joaquim Antunes Lopo, de Portalegre, 600\$00; M. Adelaide de Azevedo de Moura, 60\$00; Emília Nunes da Rocha e Costa, 70\$00; João Albino Custódio, 55\$00; Manuel Alves Mateus, 58\$00; Maria do Carmo Pires, 14\$40; L. G. Ribeiro, da Hong-Kong, 50\$00; P.e João Bernardes Mascarenhas, 50\$00; Maria Isabel de Almeida, 100\$00; João Menezes de Azevedo 200\$00; José Gonçalves Governo, 22\$50; Maria Angela, de Pedrouços, 103\$00; Joaquina Rosa Ramalho 25\$00; Donativos de Ancora, 15\$00; P.e Augusto Firmino da Silva, 30\$00; Celeste F. Costa, 20\$00; Elvira Martins Pereira de Carvalho, 50\$00; Maria do Carmo Pereira, 25\$00; Maria Joaquina da Silva, 150\$00; Anónima, 100\$00; Maria Ferreira Rodrigues, 19\$00; Maria da Encarnação Barão, 20\$00; Maria das Dores Tavares de Sousa, 110\$00; Maria Margarida Tenreiro, 50\$00; António F. Lourenço, 30\$00; Filipe António Beliz, 30\$00; P.e Manuel de Azevedo Coutinho, 25\$00; Rosa Viterbo Lopes Varela, 30\$00.

Confraria de N. Senhora da Fátima

Entre as numerosas cartas que recebo sobre diversas coisas que dizem respeito à Confraria, veio há dias uma dum dos colectores mais zelosos, pedindo-me que, se fosse possível, se dissesse todos os meses, na *Voz da Fátima*, alguma coisa sobre a Confraria, porque assim como elle ganhara a paixão grande que tem por esta Confraria lendo uma noticia sobre ella na *Voz da Fátima*, assim seria possível que em outras almas com igual semente se produzissem semelhantes frutos.

Aqui vai, pois, hoje, uma noticia e a promessa de continuar sempre que seja possível.

A primeira coisa que tenho a consolação de dizer é que, graças a Deus e à Virgem Santíssima tem aumentado muito o número de confrades. Este aumento deve-se, é claro, em primeiro lugar à Mãe Santíssima, pois é ella quem lá do céu faz desenvolver esta santa obra, mas deve-se também muito ao zelo dos bons colectores tanto dum como doutro sexo. Há alguns que pelo seu zelo são verdadeiros apóstolos entre os fiéis confrades que dirigem!

Há-os que teem a seu cargo mais de 200 confrades que dirigem com todo o acerto! Almas assim fazem no mundo um bem incalculável. Peço sempre à Virgem Santíssima que conserve e aumente nessas almas o fervor que já por Ella teem, e que no exemplo delas, de dia a dia, as outras se tornem mais fervorosas.

Contribuir para a conversão dos pecadores tal é o primeiro dos fins da Confraria. E que obra sublime essa não é!! Foi para a realizar que Jesus veio ao mundo operar as maravilhas de amor e abnegação que nos deixou por herança. Pois bem, o Confrade de Nossa Senhora, ao entrar para a Confraria, com a esmolinha mensal que dá e com as graças que adquire pela participação nas missas e nos sacrificios dos doentinhos, sabe que vai contribuir para essa obra magnífica — a conversão dos pecadores! Se ao menos um pecador fosse levado a abandonar o caminho do inferno, por meio de nós, não seriam bem aproveitados todos os nossos sacrificios e orações?! Com isso ficaria um condenado a menos no inferno a amaldiçoar a Deus por todo o sempre, e ficaria um eleito a mais no Céu a louvar e a bendizer o seu Redentor Jesus Cristo e aquellas pessoas caridosas que trabalham para que o sangue divino de Jesus riscasse de sua alma os pecados.

Entre as obras divinas a mais divina é trabalhar com Deus pela salvação dos pecadores, diz um dos Santos Padres da Igreja. Por isso mãos à obra. E' Deus quem o quer. Elle não necessita de nós mas quer dar-nos a honra sublime de o ajudarmos na distribuição do seu sangue divino nas almas que Elle deseja salvar. Prêgai o Evangelho a toda a criatura, disse elle a seus apóstolos. Eles e seus successores cumprindo a ordem divina prêgarão e pregam ainda publicamente; nós, prêgaremos mais em particular, oferecendo pelos pecadores as nossas esmolhas, as nossas orações, os nossos sacrificios e todas as nossas boas obras, e tudo isto, e estas prêgações, embora feitas em particular, só entre nós e Nosso Senhor, são por elle muito bem aceites e tornam-se eficazes para o próximo. E' Deus quem quer por este esforço pela conversão dos pecadores, dizia eu, mas é também a Virgem Maria quem no-lo pede.

Quando Nossa Senhora veio à Cova da Iria falar aos pastorinhos de Aljustrel, disse-lhes assim: — *Rezaí muito pelos pecadores para que não offendam mais a Deus, porque meu Divino Filho está muito ofendido com o procedimento dos meus.*

Que nós ouçamos esta voz de Maria como dita a nós mesmos. Que todos os Confrades de Nossa Senhora de Fátima, se até aqui teem sido cuidadosos em pedir pelos pecadores o sejam cada vez mais daqui para o futuro, e que os nossos confrades venham aumentar o número e a efficacia das orações daqueles que já estão alistados na milícia bendita da Virgem Senhora da Fátima. Assim, daremos, sem dúvida honra e glória a Deus, consolação à Virgem Maria, ajudaremos a salvar os infelizes pecadores e, salvando-os a eles mais facilmente nos salvaremos a nós também.

Em todas as terras podia haver, e era tão bom que houvesse, um número maior ou menor de confrades que se interessassem pela conversão dos pecadores em geral mas sobretudo pelos dessa terra.

Para isso bastava que uma pessoa de bem se encarregasse dos trabalhos de collector que são os seguintes: tomar nota

dos nomes dos seus confrades em listas que para isso lhes seriam mandadas, distribuir por essas pessoas as patentes que para os colectores serão também enviadas, e receber até ao fim de cada ano os \$20 por mês, esmola que será dividida em duas partes iguais, — uma para missas de que todos teem participação, e outra para o culto de Nossa Senhora na Cova da Iria.

Já este ano foram celebradas 100 missas e brevemente serão celebradas muitas mais se a Virgem nos for ajudando na sua santa obra.

Está actualmente encarregado da Confraria o Rev. do António dos Reis — Seminário de Leiria.

Teresa Neumann

Segundo noticias recentes, Teresa Neumann, a estigmatizada de Konnersreuth e de que já aqui falámos em dezembro, entrou em êxtase logo no principio da Semana Santa.

Além das chagas na cabeça e perto do coração, veem-se agora largas chagas nas mãos nos pés e nas espaldas e derrama incessantemente grossas lágrimas de sangue.

Estes fenómenos aumentam todos os anos cada vez mais por ocasião da Semana Santa.

UM GRANDE APOSTOLADO

Não há ninguem que não possa e não deva ser apóstolo, aquecendo espiritualmente o meio marcado pela Providência para a sua actividade com repercussão em todo o mundo e por toda a eternidade.

Diz-se do dinheiro que onde está faz barulho. O mesmo se pode dizer da graça de Deus, da piedade e da virtude nas almas.

Há uma espécie de apostolado que todos podem exercer. E' o apostolado da oração, que com o apostolado do sofrimento e da penitência e com o do bom exemplo, formam como que a alma e a vida do zelo exterior. Este, o apostolado da oração, todos os fiéis o podem praticar.

Nem todos podem prêgar, nem escrever ou entregar-se a outras obras de vulto, mas todos podemos ser apóstolos do Sagrado Coração de Jesus (como diz Santa Margarida Maria) *todos temos corpo para sofrer e agir e corações para amar e orar.*

Para fazermos uma ideia do valor do apostolado da oração basta considerar como Nosso Senhor o praticou e o continua a exercer. Ao apostolado exterior consagrou apenas três anos da sua vida pública e ao outro, os trinta e três anos da sua vida mortal e continuá-lo-á na Eucaristia, até ao fim dos séculos.

Esta oração inefável que começou no primeiro momento da Incarnação com o primeiro bater do seu Coração, nunca foi e nunca mais será interrompida.

Santa Margarida Maria falou muita vez da necessidade de que teem os devotos do S. Coração de Jesus de imitar esta oração eucarística perpétua.

Basta mencionar o que ella diz do desejo veemente que Nosso Senhor tem de encontrar almas medianeiras, isto é, almas apóstolas pela oração.

«A irmã M. (conta ella) andava cheia de tristeza por não poder ter utilidade nenhuma em relação à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Este, porém, lhe impôs como dever de orar, fazendo-a sua medianeira. Efectivamente esse Sagrado Coração deseja que haja almas medianeiras. Muito felizes serão aquellas que lhe prestarem esse serviço pois que Elle mesmo será para ellas medianeiro.»

Como programa deste apostolado por meio da oração, Santa Margarida Maria resume os seus ensinamentos convidando-nos a uma espécie de viagem espiritual não só às várias necessidades, e regiões do mundo mas também ao Purgatório e ao Céu, a favor do Reino Universal do Sagrado Coração de Jesus.

A verdade é que tanto na igreja paciente, como na triunfante, como na militante, o Sagrado Coração de Jesus, tem interesses que a oração pode defender e firmar, e em todas essas igrejas ha poderosos intercessores aos quais nos podemos unir pela causa desse divino Coração.

Esta viagem espiritual deve ir terminar deante do trono eucarístico de Jesus.

E' principalmente deante do Sacrário, com o próprio Coração de Jesus, que nós devemos negociar os interesses da sua gló-

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUÍS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5\$00; pelo correio, 5\$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses, encontra-se a venda na UNILÃO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUÁRIO DE FATIMA.

ria, no céu, no purgatório e nas várias nações do mundo.

Não esqueçamos isto sobretudo neste mês consagrado ao S. Coração de Jesus e em que vai realizar-se em Braga um congresso do *Apostolado da Oração*.

O que há de mais terrível

Ao serão, em familia, iam os pequenos passando o jornal (uma illustração cujas gravuras falavam aos olhos das crianças). Dava, como de costume, larga noticia de mortes repentinas, mortes violentas, mortes de todas as maneiras.

Os pequenos iam vendo e comentando: «E' medonho! Um navio a afundar-se; arripia esta morte dentro duma mina!»

Sentado à lareira. O avô murmurava: «Não é isso que é medonho».

E as exclamações das crianças continuavam: «Assassino miserável! Tanto sangue! E' espantoso!» E o avô continuava: «Não é isso que me espanta.»

E os pequenos proseguiram: «pobres viúvas! Pobres orfãosinhos! Que dó elles causam!»

E o avô ia monologando: «Não é isso que me faz dó.»

As crianças, a principio, não deram conta destas estranhas palavras, mas desta vez, notando esta insistência do velho, não puderam passar que não dissessem: «Que é que o avôzinho quer dizer?»

— O que eu quero dizer, replicou gravemente o ancião, é isto: vocês no jornal não viram nada, nada.

— Como é que isso pode ser?

— Não viram nada, coisa nenhuma. Apenas umas coisas sem grande importância. Viram só a desgraça dos corpos dessas vítimas de cuja morte trágica vocês se compadeçam. E a desgraça das suas almas? Isso não viram vocês. E é isto que é importante. A sorte dessas almas caindo sem preparação nas mãos de Deus é *bem mais medonha, bem mais terrível* que a sorte dos corpos privados súbitamente da vida.

Para os corpos, pronto! Mas para as almas? Se ellas não estiverem na graça de Deus? Se estivessem em pecado mortal!..

Ah! E se, saídas repentinamente dos seus corpos, se precipitassem, malditas de Deus, no inferno, nesse abismo formado de ódios, de trevas, de desespero, de espanto, de torturas sem nome e sem fim! «Ora aí está, meus meninos, o que há de mais medonho no mundo.» E nisto não se pensa. O que fere os sentidos comove-nos, o que se refere às almas deixa-nos insensíveis.

Por isso, meus meninos, habituem-se a rezar todos os dias pelos moribundos de cada dia.

PARA A PERFEIÇÃO

Um amigo do grande artista Miguel Angelo visitou-o na ocasião em que elle estava concluindo uma estátua.

Afinal (diz o amigo) está no mesmo estado em que a encontrei da última vez.

— Estás enganado. Retoquei este braço, profundi esta prega do vestido, suavisei a expressão dos olhos, fiz sobressair mais este músculo, adelgacei este braço e...

— Está bem (diz o Amigo) mas isso são bagatelas, pequeninas coisas e...

— E' verdade, são bagatelas, pequeninas coisas, mas lembra-te que não se devem desprezar as bagatelas, as pequeninas coisas quando se quer chegar à perfeição e a perfeição não é uma bagatela.

Dispensa de abstinência

Concedemos, dentro dos limites da Diocese de Leiria, dispensa de abstinência aos peregrinos ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, no dia 13 do corrente.

Leiria, 1 de Junho de 1930.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

ATRAVEZ DAS CARTAS

A noticia singela das Aparições da Fátima vai peregrinando por esse mundo em páginas de semanários humildes e de luxuosíssimas revistas, despertando um interesse inaudito.

De França:

«Acabo de ler nos números de novembro de «L'étoile de l'Enfant Jésus» um resumo da admirável aparição de Nossa Senhora em Fátima. Quero conhecer bem todos os detalhes de tão grande acontecimento e peço-lhe tenha a bondade de enviar-me o livro do Sr. de Montelo: «As grandes maravilhas de Fátima».

A linguagem do trecho seguinte chegada da América do Norte revela um estrangeiro mas bem irmanado connosco no amor a N. Senhora da Fátima:

«Por acaso visitando um amigo meu caí nas minhas mãos a leitura da *Voz da Fátima*» (ano VII, n.º 86). Queira considerar-me como um leitor do seu semanário.

Se me enviasse os números deste ano ou especialmente o n.º 86 consideraria um imenso favor.

Faça-me conhecer o lugar, origem da aparição, tudo causa-me imenso interesse. Toda e qualquer despesa diga-me o que é, que lhe enviarei na minha próxima carta».

De Espanha, com o zelo dum propagandista desinteressado e com gesto do proverbial fidalguia espanhola.

«Queira perdoar-me, Rev.mo Senhor, ter demorado tanto em lhe escrever e enviar o dinheiro que incluo. Foi esta demora ocasionada pela minha mudança de residência e por ter ido em excursão a Tarragona e a Barcelona visitar a formosa Exposição, onde tive a honra de assistir ao festival Valeciano da chegada e recepção do Ex.mo Sr. General Carmona, Presidente do nosso país irmão — Portugal.

Estando eu muito próximo do Ex.mo Sr. Presidente Carmona ouvi-lhe tecer grandes elogios a Barcelona, sua Exposição, e a Espanha.

Na Exposição tive o gosto de visitar todas as produções e Artes de Portugal que está muito bem representado, especialmente nas Artes onde há quadros e telas preciosíssimas.

Peço a V. Rev. cia se digne fazer o obsequio de me enviar pelo correio, duas fotografias da Imagem de Nossa Senhora da Fátima benzida pelo Santo Padre Pio XI e que se venera no Colégio Português em Roma, e duas da verdadeira Imagem de Nossa Senhora que se venera na Fátima, do fotógrafo A. L. Diamantino. As quatro fotografias que sejam das mais perfeitas porque quero entregá-las para serem publicadas em todas as revistas católicas».